

modo: “se trata del efecto transformado de la pérdida”.

No en Lacan, por supuesto, pero sí en los términos de Freud, Traverso encuentra una de las frases más potentes para ir al grano de la cuestión: “Se podría definir a la melancolía de izquierda como el resultado de un duelo imposible: el comunismo es a la vez una experiencia terminada y una pérdida irremplazable, en una época en la que el fin de las utopías impide la separación del ideal perdido así como la transferencia libidinal hacia un nuevo objeto de amor”.

Damián Tabarovsky

A propósito de Horacio Tarcus, **La biblia del proletariado. Traductores y editores de El Capital**, Buenos Aires, Siglo Veintiuno Editores, 2018, 128 pp.

Apresentar a circulação e difusão da mais importante obra de Karl Marx na língua espanhola foi o desafio enfrentado por Horacio Tarcus. Sua expertise no tema, sua experiência em bibliotecas e arquivos, seus sólidos conhecimentos da História do Livro e sua erudição já bastariam para garantir o sucesso da investigação.

A estrutura do livro parece simples. Apresenta a edição príncipes do texto, as edições alemãs, as primeiras traduções, as versões ao espanhol, os resumos populares e a presença atual de O Capital no mundo hispano-americano. Mais de 50% da obra é dedicada ao terceiro capítulo em que se narra o périplo de tradutores e editores que produziram as versões ao espanhol.

O autor apresenta com cuidado e respeito os tradutores de **O Capital** desde Correa y Zafrilla, o pioneiro argentino Juan Justo, Wenceslao Roces, Vicente Romano, Manuel Sacristan, Cristian Fazio até a mais ousada e bem-sucedida tradução feita pelo

uruguaio Pedro Scaron. Descreve tiragens, capas, formatos dos livros, edições, a trajetória dos editores e dá uma atenção ainda maior para as disputas entre os tradutores. Tarcus traz curiosidades como o sociólogo colombiano Erick Pernet Garcia que teve a paciência de escrever um livro de mais de trezentas páginas em que listou 504 erros tipográficos ou de tradução de Wenceslao Roces.

Tarcus se utiliza com maestria dos paratextos editoriais. Para esclarecer alguma edição ele recorre ao manuseio das obras e à sua experiência como bibliófilo. Um exemplo está relacionado à ofensiva cultural do Partido Comunista Argentino nos anos 1950. Cartago, editora ligada aos comunistas, lançou uma edição de **O Capital** em 1956. Fechada pelo Governo Frondizi, reimprimiu a obra em 1960 sem nenhuma informação que indicasse se tratar de uma nova edição. Tarcus nos informa que a segunda tem formato menor e “tapas de cartoné color marron”. Ademais, acompanhava a nova edição um índice de temas.

Embora pareça algo simples, apenas um pesquisador que vai além da leitura da bibliografia e dos catálogos e une a investigação com a frequência de muitos anos a livrarias, alfarrábios e bibliotecas pode ter a sensibilidade que Tarcus possui para os detalhes de um exemplar ou de uma edição. O traço mais marcante de Tarcus é a capacidade de combinar a fortuna crítica, os tradutores, o movimento editorial e a conjuntura política de cada período da difusão de **O Capital**.

Para a América Latina (e Argentina em particular) a cultura marxista floresceu com mais força nos anos 1960 e isso determinou sucessivas iniciativas editoriais que refletiam as posições das casas editoriais, dos partidos políticos e a eclosão dos vários marxismos na Europa. Desde a Revolução Russa até 1967 **O Capital** teve 167 edições em 18 idiomas. A editora Dietz, de Berlim Oriental, imprimira mais de 300 mil cópias.

Somente naquele momento os tradutores e editores puderam levar em conta que **O Capital** era um projeto de uma obra inacabada e sujeita a decisões que poderiam romper o padrão editorial de três volumes estabelecido por Engels. Para isso contribuiu a edição das **Oeuvres** de Marx por Maximilien Rubel e, na Argentina, a tradução de **O Capital** pelo uruguaio Pedro Scaron. Entre as inovações discutidas por Tarcus destaca-se a mudança do consagrado termo plusvalia por plusvalor (*Mehrwert*).

No Brasil essa polêmica só apareceu cerca de quarenta anos depois quando a Boitempo Editorial de São Paulo lançou a terceira tradução brasileira de **O Capital**. A editora tem realizado um importante trabalho de publicação das obras de Marx e Engels diretamente do alemão, embora a nova tradução esteja longe de ser superior às anteriores. O novo tradutor escolheu o termo *mais-valor* em português (*plusvalor*).

Uma outra coincidência com a Argentina do início dos anos 1970 é que a nova edição brasileira incluiu a advertência que Althusser escreveu à edição da Garnier – Flamarion de 1969. O auge do marxismo estruturalista no Brasil também ocorreu dos anos 1960 até meados dos anos 1970. A publicação do texto de Althusser na edição brasileira quarenta anos depois daquela edição argentina não é um acaso e sim a volta da influência do marxismo estruturalista sobre alguns intelectuais brasileiros no início do século XXI.

Cada grupo que organiza uma tradução como a de **O Capital** pode ter suas inclinações políticas, como a pesquisa de Tarcus revela frequentemente: uma edição alemã de 2009 da Anaconda trouxe um prólogo de Karl Korsh de 1933, por exemplo.

No clímax do althusserianismo “La autorización ya no provenía de Moscú, sino de París. No la garantizaba el Instituto Marx-Engels-Lenin, sino el pequeño circu-



lo de la rue d'Ulm", como escribe Tarcus com fina ironia. Raul Sciarretta (1922-1999), o tradutor argentino que verteu aquela edición francesa, foi un "professor socrático de pequenos grupos extrauniversitarios. Esquivo a la escritura, proclive a la oralidad, fue el filósofo secreto de dos generaciones argentinas de epistemólogos e psicoanalistas". O próprio Scaron reagiu com ironia àquela edição e escreveu que não havia feito referência à tradução de Sciarretta porque ela só compreendia os capítulos I a IV da obra de Marx, "precedidos de una introducción teórica de Louis Althusser en la que recomienda 'dejar deliberadamente de lado, en una primera lectura', los capítulos I-III. Hemos seguido su consejo".

Tarcus não esconde uma admiração pela equipe que publicou **O Capital** por Siglo Veintiuno: Jose Aricó, Miguel Murmis e Pedro Scaron. Segundo ele, ali se confluíram três tradições de esquerda: o comunismo, o socialismo e o anarquismo, respectivamente. Scaron antecipou problemas que só depois da nova MEGA (Marx-Engels Gesamtausgabe) foram enfrentados pelos tradutores. A título de exemplo, a nova edição brasileira do Volume II de **O Capital** incluiu algumas (e não a totalidade) das variantes dos manuscritos de Marx deixadas de lado por Engels, mas segundo a escolha arbitrária daquilo que o tradutor considerou mais importante reproduzir.

Ao final da leitura do livro de Tarcus percebemos que por baixo da organização simples dos capítulos há um movimento complexo. As edições que se sucederam no tempo traziam a marca de uma cultura operária letrada. **O Capital** era uma "bíblia" laica que permitia muitas leituras, assim como a Bíblia cristã permitiu o aparecimento de numerosas seitas religiosas. Era um texto ao qual se recorria para autorizar esta ou aquela política. Mesmo os homens e mulheres militantes que nunca o leram ouviram as suas palavras: mercadoria, jornada de trabalho, exploração, mais valia...

Aquela cultura operária de livros, jornais e folhetos populares do início do século XX desapareceu. É certo que o livro impresso permanece e a juventude redescobre sua importância para organizar novos grupos de esquerda. Mas um mundo transtornado pela Revolução Informática, pela globalização, financeirização, pela automação e fragmentação do processo produtivo e, especialmente, da própria classe trabalhadora, não exige nova forma de leitura de **O Capital**?

Não por acaso a pesquisa de Tarcus termina com a apresentação dos resumos de **O Capital**. O que demonstra a vitalidade de um livro que circula em vídeos, aulas, leituras em voz alta, excertos, quadrinhos e, no Japão, até em mangá. Por outro lado o próprio texto alemão, como o autor escreve, se transforma e se revela como um palimpsesto com os múltiplos rascunhos reescritos por Marx. O livro de Horacio Tarcus é também uma bela homenagem a editores e tradutores que ao longo de 150 anos se esforçaram para difundir a obra seminal de Marx: "la Biblia del proletariado".

Lincoln Secco
Universidade de São Paulo

A propósito de Lincoln Secco, **A Batalha dos Livros. Formação da Esquerda no Brasil**, Cotia, Ateliê Editorial, 2017, 237 pp.¹

Lincoln Secco es docente de Historia Contemporánea en el Departamento de Historia de la Universidade de São Paulo (USP) desde el 2003. Su abanico de temáticas cuenta con una amplitud razonable. En la maestría, investigó la recepción de las ideas de Antonio Gramsci en la realidad brasileña. Tal empresa resultó en la publicación del libro **Gramsci e o Brasil**.

1 Esta reseña fue traducida al español por el Lic. Lucas Duarte, CeDInCI/UNSAM-CONICET.

Recepção e difusão de suas ideias —una especie de estado del arte de las apropiaciones del pensador italiano en el país. En el doctorado, de un estudio circunscripto a la Historia de las Ideas, se desplazó hacia un análisis político-social de la crisis del imperio colonial portugués. El emprendimiento, del cual derivó la publicación de dos títulos —**A Revolução dos Cravos e a Crise do Império Colonial Português** en 2004 y 25 de abril de 1974. **A Revolução dos Cravos** en 2005— fue prontamente reemplazado por otros intereses. Desde entonces, el docente de la USP se dedica, principalmente, al estudio del marxismo y de las izquierdas, a partir de abordajes circunscriptos a las construcciones conceptuales, así como de investigaciones dedicadas a las expresiones de esas corrientes políticas como fenómenos sociales. El trabajo más reciente de Lincoln Secco se ubica en esa segunda vertiente. La obra aquí reseñada es una investigación sobre la historia editorial de las izquierdas brasileñas, publicada en 2017. En gran medida, se trata de un intento de desmenuzar los caminos textuales del proceso de circulación de ideas.

Los cinco capítulos de **A Batalha dos Livros** se organizan a partir de una referencia diacrónica-cualitativa. Cada pasaje se concentra en un período en el cual el autor pudo identificar la configuración de una calidad editorial específica dentro de las izquierdas. Todo el proyecto es constituido desde un prisma histórico que tiene como baliza al final del siglo XIX y el principio de la segunda década del siglo XXI. El estudio tiene como enfoque principal, aunque no único, los proyectos editoriales y las publicaciones del Partido Comunista Brasileiro (PCB). Sin embargo, en el primer capítulo se dedica a un momento anterior a la existencia soviética, mientras que el último se enfoca en el período post-dictatorial brasileño, cuando las izquierdas se encontraban ya hegemónicas por el Partido dos Trabalhadores (PT) y el PCB pasaría por un proceso de profunda crisis y marginación.